

Artigo 16 - Como se ensina e como se aprende na contemporaneidade?

Criança – Família – Escola: Mesa redonda realizada na I Jornada Integrada ABPP-Sp e APTF

Ana Maria Burihan Escobar

Não nascemos marcados para ser... “professor, advogado, médico, psicólogo, dançarino, artista...” A escolha profissional, embora ato de um momento em nosso ciclo vital é produto de uma história de múltiplas interações e desencontros, que vivemos como criança, como jovem, no decorrer dos dias e dos anos. Essa história é composta de pessoas, desejos, sonhos, alegrias, tristezas, o que significa que é impossível separar o que há em nós de profissional, daquilo que nos constitui como pessoa.

Partindo dessa perspectiva, optei por começar esta reflexão, revisitando minha própria trajetória de vida, com o objetivo de contextualizar o meu interesse pelo tema em questão: como se ensina e aprende na contemporaneidade? Interesse que foi se constituindo no intercruzamento de minha história pessoal e profissional, incluindo-se aí um longo percurso que transita pelos lugares de:

- filha - numa família com idéias míticas que supervalorizavam os estudos e as conquistas acadêmicas;
- depois, como aluna primária – que pelo olhar da professora tinha dificuldades, pois “vivía no mundo da lua”;
- mais tarde, como: mãe, pedagoga, psicopedagoga e por fim, terapeuta familiar.

O eixo que orientou tal trajetória sempre foi o desejo e a inquietação em buscar um outro olhar, mais abrangente e complexo, gerador de um novo sentido para o processo de ensino e aprendizagem (e as dificuldades decorrentes do mesmo), como um fenômeno multidimensional, que só pode ser compreendido através das múltiplas interações entre todos os elementos que o compõe, a fim de evitar as visões reducionistas, que o coloca: ou como uma questão do aluno, ou do professor, ou da escola, ou da família, ou das políticas públicas e contexto sócio-cultural.

Essa trajetória representou uma ruptura não somente com a visão de mundo em que fui criada, mas também com as idéias que marcaram as diferentes fases da minha formação profissional. Abraçar a teoria sistêmica e conhecer os pensamentos dos teóricos do construtivismo e construcionismo social, com ênfase em 3 pressupostos fundamentais:

Complexidade (foco nas inter-relações entre os elementos do sistema);

Instabilidade (foco na crise e na transformação contínua entre os elementos do sistema);

Intersubjetividade (observador é parte integrante e construtor do contexto observado) provocou mudanças significativas em meu ser e no meu fazer.



Portanto, como consequência do uso dessa abordagem e no intuito de responder à questão proposta neste encontro, senti necessidade de formular perguntas, para melhor refletir e me abrir ao diálogo:

– De que forma os determinantes sociais/culturais que hoje se impõem como valores relevantes, estão interferindo nas relações entre os diferentes elementos do processo de ensino e aprendizagem?

- Qual o impacto desse contexto social mutante, no como se ensina e no como se aprende?

- Como nós profissionais olhamos para isso e como atuamos frente a isso?

É certo que, estamos vivendo tempos muito diferentes dos já vividos. Tempos de menor euforia e maior desorientação frente ao desaparecimento dos modelos de referências, que forneciam parâmetros para todas as formas do conviver humano nas famílias, na escola...

Tempos em que nosso fazer tem sido desafiado pelas demandas da complexa cultura do mundo contemporâneo, como:

- a globalização; a hiper aceleração; os avanços tecnológicos; o culto ao individualismo e a necessidade de ser “feliz a qualquer preço”; das “doenças” colocadas em “códigos”: TPM, TOC, TDAH... para as quais dá-se pílulas mágicas: Prozac e Ritalina, entre as mais receitadas...

Tempos onde não se tem mais tempo e nem paciência para lidar com as diferenças, por isso a dificuldade com a infância e com o envelhecimento.

Queremos a eterna juventude!

Será que estamos “desinventando” etapas desenvolvimentais e, deixando de legitimar a infância como fase fundamental do desenvolvimento humano?

Estamos vivendo tempos de excessiva horizontalidade nas relações, que traz como consequência uma fragilização das hierarquias e das diferenciações de papéis entre os adultos, as crianças e os jovens. Tempos em que pais e professores na ânsia de práticas educativas mais flexíveis, abertas e menos autoritárias acabaram “abdicando da responsabilidade pelo mundo ao qual trouxeram as crianças”. Mas...

- Como diferenciar sem diferença?

- Como se responsabilizar e exercer autoridade sem diferença?

- Como aprender e ensinar, sem diferença ?



Toda a mudança começa dentro de cada pessoa. Portanto, o desafio principal para nós, profissionais, é o da transformação dos nossos: pensamentos, discursos, práxis e desejos, pois do contrário, não poderemos fazer pelos outros (alunos, professores, pais) o que não fizemos, antes, por nós. Somos co-construtores de todas as histórias que participamos.